

DESAFIOS DA VIDA LÍQUIDA À NOSSA IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA

Chega-nos a nós, leitores brasileiros, mais um livro de Zygmunt Bauman. O terceiro de uma série de livros em que o significativo “líquido” aparece nos títulos, substituindo uma outra,

de quatro obras, do sociólogo polonês que trazia a expressão “pós-modernidade” (das quais temos tradução de *O mal-estar na pós-modernidade*, e *Ética pós-moderna*). Seria mais uma palavra da moda acadêmica *prêt-à-porter*, para satisfazer os apetites sociológicos menos exigentes, que, reivindicando uma pretensa identificação com uma reflexão social de feição “ensaística”, nela encontrariam seu passaporte como intérpretes *up-to-date* do presente?

Já descrito como “profeta da pós-modernidade” (PALLARES-BURKE, 2003) e sendo considerado um dos sociólogos contemporâneos célebres – haja vista a quantidade de títulos editados e traduzidos em várias línguas, numa rapidez ímpar –, Bauman tem o domínio de uma narrativa cujos ingredientes seriam suficientes para ser classificada como uma “moda sociológica” (portanto, passageira e rapidamente descartável) e para tornar seu autor um dândi que nos orientaria a viver em nosso atual “mundo em descontrole” (título de um livro de Giddens, amigo de Bauman), ensinando-nos as mutações dessa personalidade líquida, que somos compelidos a performatizar, fazendo-se e desfazendo-se na velocidade frenética de nossas sociedades de consumo. Uma sociologia pós-moderna, celebrando as novas configurações do laço social, quase uma sociologia clínica, em que as questões estruturais, os mecanismos de interpretação e superação das ilusões que nos turvam a visão do real, e todo o ideário de transformação e revolução social estariam ausentes. Livrando-nos dessa canga pesada, demasiado “sólida”, libertando-nos sem culpa de nossa “tentação de profetismo” (BOURDIEU, 2004: 36), poderíamos agora, nós, cientistas sociais, debruçarmo-nos com gosto sobre esses objetos mais “tenros”: o amor, o eu, a intimidade, a sexualidade,

De: Zygmunt Bauman. *Vida líquida*.

Tradução de Carlos Alberto Medeiros.

Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

Por: ANTONIO CRISTIAN PAIVA

Doutor em Sociologia, professor adjunto da Universidade Federal do Ceará.

as microssozialidades, as emoções, a hospitalidade, etc. Seria um tranqüilizante para nossa in-compreensão do mundo. Mas as coisas não são assim.

Para compreender o que significa, no pensamento de

Bauman, “a vida num mundo líquido-moderno”, temos que fazer alguns esclarecimentos. Primeiro: o que teria ocasionado o deslocamento significativo de “pós-modernidade” para “líquido/liquidez”? Bauman, que sempre recusou o rótulo de sociólogo pós-moderno, faz a distinção entre uma **sociologia pós-moderna** e uma **sociologia da pós-modernidade**. Propõe um símile contundente para explicar a diferença: “do mesmo modo que ser um ornitólogo não significa ser um pássaro, ser um sociólogo da pós-modernidade não significa ser um pós-modernista, o que definitivamente não sou. Ser um pós-modernista significa ter uma ideologia, uma percepção do mundo, uma determinada hierarquia de valores que, entre outras coisas, descarta a idéia de um tipo de regulamentação normativa da comunidade humana e assume que todos os tipos de vida humana se equivalem, que todas as sociedades são igualmente boas ou más; enfim, uma ideologia que se recusa a fazer julgamentos e a debater seriamente questões relativas a modos de vida viciosos e virtuosos, pois, no limite, acredita que não há nada a ser debatido. Isso é pós-modernismo” (BAUMAN, 2003).

Além de explicitar essa distância entre o teor de uma sociologia pós-moderna e o de sua reflexão, Bauman abandona o próprio termo pós-modernidade, usado até então como “espécie de conceito improvisado”, que continha pelo menos dois grandes inconvenientes: apesar de sugerir corretamente que “as condições de vida já são um tanto diferentes do que pensamos que seriam as condições modernas”, o conceito era “descomprometido sobre a natureza dessa diferença”; além disso, “sugeria, erradamente, que a modernidade ‘terminou’ e já estamos em outra era” (BAUMAN, 2007). Daí a proposta de usar o conceito

de “modernidade líquida” como “modernidade sem ilusões”, que destacaria a radicalização da tendência da vida moderna no sentido de destradicionalização, de desencantamento, de desenraizamento, expressa na fórmula célebre de Marx e Engels, segundo a qual a modernidade “derretia os sólidos e profanava os sagrados”. A metáfora da liquidez alude a esse caráter de “solvente” (PIERUCCI, 2006), típico da vida moderna, que dilui, liquefaz, deforma as instituições, os saberes e as subjetividades instituídos, uma vez que é característica do estado líquido não possuir forma definida.

Ensaísmo? Sim, no melhor sentido da palavra, e não no sentido de improvisação rasa, adornativa, de simulacro de pensamento. Há, ao contrário, um grande esforço de atenção ao que se passa na vida, às pulsações do mundo, uma sociologia da escuta de nossos modos de vida e das formas de experiência deterioradas. Daí que, num outro texto (PAIVA, 2006), falei da sociologia de Bauman como esforço de “crítica e clínica” (título de um livro de G. Deleuze): a narrativa sociológica seria um esforço de fornecer um *insight* profundo sobre a experiência humana de estar no mundo (BAUMAN, 2003). Mas, utilizando a bela analogia de Bauman, sendo a vida “um lençol muito curto: quando se cobre o nariz, os pés ficam frios, e, quando se cobrem os pés, o nariz fica gelado”, a análise da vida social não seria possível senão na base dessas tentativas sucessivas, inconclusas, envolvendo grande esforço intelectual, “sensibilidade poética” (BASTIDE, s/d: 86), e mesmo “ascese”: experiência modificadora de si nesse jogo da verdade, segundo Foucault (1988: 13); ou como *metanoia*, *conversio ad se*, segundo Bourdieu (1989: 49). Vivendo nessa encruzilhada, nesse dilema, nesse perpétuo exílio – o cientista social é ao mesmo tempo agente e analista social – o sociólogo se assemelhando a um *meteco* (BAUMAN, 2001: 236s) e a sociologia como uma “loucura” (TOURAINÉ, 1976: 14), pensar sociologicamente é propor mapas cognitivos para entender o presente, mas atentando que esses mapas não cessam de desmanchar-se, se querem estar à altura dos territórios que pretendem cartografar (sobre a distinção entre mapa e território, ver Zyggouris, 2002). Ensaísmo, portanto, para evitar a segurança de teorias definitivas, “segurança do sistema, em que tudo tem seu lugar claro e definido” (WAIZBORT, 2000: 67),

que nos dispensaria da aventura de ouvir os rumores do cotidiano.

Um terceiro e último esclarecimento, antes de passarmos ao conteúdo de *Vida líquida*. Seria a sociologia de Bauman uma “novidade”, no sentido de configurar-se como modalidade de reflexão sociológica excêntrica à tradição da teoria social canônica? Segundo nosso sociólogo, a sociologia “constitui um empenho constante para ampliar os horizontes cognitivos dos indivíduos e uma voz potencialmente poderosa nesse diálogo sem fim com a condição humana” (2003). Ao insistir na urgência de seu papel de buscar soluções coletivas para problemas individuais (contra as “homilias insistentes” das sociedades neoliberais, globalizadas, consumistas, no sentido de que os indivíduos encontrem, abandonados à sua própria sorte, soluções individuais para os problemas coletivos, o que o fazem sob forma de consumismo e da produção variada de sintomas relativos à dificuldade de viver), Bauman convida-nos a exercitar aquela qualidade de espírito que combina pensamento, sentimento, imaginação e sensibilidade (MILLS, 1982: 22), que nos diferencia enquanto sociólogos, e que dita nossa tarefa e a promessa deste empreendimento intelectual fascinante: a **imaginação sociológica**, que “nos permite compreender a história e a biografia e as relações entre ambas, dentro da sociedade”, segundo Wright Mills (*idem*: 12). Penso que a sociologia de Bauman está completamente pautada por essa tarefa e essa promessa. Contra uma certa sina acadêmica que consiste em “deixar o mundo como é”, para Bauman, a interpretação sociológica do mundo deve conduzir, sim, à transformação das formas de vida viciosas, excludentes e deterioradas, contribuindo, assim, “para a batalha por uma sociedade melhor, mais hospitaleira aos seres humanos e à sua modernidade” (2003).

Enquanto crítica do presente, consciência crítica da sociedade, autoconsciência da modernidade (ver Cardoso, 2001; Bottomore, 1976; Horkheimer, 1966; Simmel, 1986), como “ontologia da atualidade”, a sociologia se dedica a compreender o presente, a atualidade: “o que se passa hoje? Que é que se passa agora? E o que é este ‘agora’, no interior do qual estamos uns e outros; e quem define o momento em que escrevo?” (FOUCAULT, 1994: 813-814; 1984: 103). Portanto, pensar criticamente o presente como estra-

tégia de compreensão e de libertação de possibilidades humanas até então emparedadas (BAUMAN, 2001). A sociologia se situa, aí, no meio fio entre reflexividade e opacidade (MELUCCI, 2005) em relação ao que nos acontece individual e coletivamente. Diante disso, o esforço teórico de Bauman se insere na longa esteira da melhor tradição sociológica, não servindo ao burburinho das novidades de consumo rápido...

Mas, vejamos a caracterização que Bauman propõe de nossa atual *Vida líquida*.

O livro compõe-se de sete capítulos, precedidos de uma introdução, que serve de fio condutor do livro, e trata, sob o ângulo de sucessivas mas, interligadas janelas analíticas, da temática das ambivalências, riscos, ansiedades e aporias que os indivíduos enfrentam nas relações consigo (as emoções, os sentimentos, a identidade, a auto-estima, a relação com a comida e o corpo), nas relações familiares (nova distribuição social das idades, relações pais e filhos, relação com a maternidade, a infância e a erosão da instituição familiar) e nas relações com a *ágora*, isto é, com a esfera pública (caracterização do novo cosmopolitismo, da atual dificuldade de conviver com o próximo, relação com a cidade e o sentido das políticas comunitárias e de guetização, mediadas pelo consumo), além da relação com a arte e o trabalho – relações todas elas mediadas pelos “processos de marketização das formas de vida”.

A versão brasileira desta obra perde um tanto da qualidade editorial que caracteriza as publicações de Jorge Zahar Editor, uma vez que deixa passar, desagradavelmente, vários erros: na página 78, um parágrafo termina com uma vírgula; na página 185, faltam aspas finais numa palavra; na página 181, vemos a referência à nota 32, quando se trata, de fato, da nota 22; além do gravíssimo erro de notas que são referidas no texto (página 89, nota 15, e toda a seqüência de notas 5 a 15 do capítulo 4) e que, simplesmente, não constam na seção destinada às notas!

Para caracterizar “a vida num mundo líquido-moderno”, Bauman retoma a idéia do “patinar em gelo fino”, extraída de Emerson, que havia utilizado em *Escrever, escrever sociologia* (2001): manter a velocidade para não afundar sobre a precária superfície como metáfora de nossa vida líquido-moderna, caracterizada pela velocidade estonteante das mudanças,

à qual os indivíduos devem corresponder. Bauman, nesse sentido, define a sociedade líquido-moderna como “uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir” (p. 07). Os mapas cognitivos, os códigos estéticos, os valores, os mecanismos de segurança e monitoramento da ação envelhecem de forma veloz, assumindo novos contornos antes mesmo de serem completamente integrados às subjetividades e instituições.

“Aprender com a experiência”, lema do passado para se obter sucesso de adaptação ao mundo, torna-se sentença condenatória, pois tudo o que implica constância, viscosidade, pertencimento, aderência e comprometimento é perigo na estrada rumo ao sucesso. Nas artes de viver num mundo líquido-moderno, as subjetividades devem praticar a habilidade de livrar-se das coisas e de perfis identitários, vivendo em incerteza constante. Mesmo as relações e laços amorosos caem sobre esse novo regime de vinculação: “amor para sempre”, filhos, “amizades de infância” são investimentos arriscados (no sentido financeiro mesmo): podem implicar perdas de capital emocional ou ausência de retorno e compensações. Em *Amor líquido*, Bauman analisou, no detalhe, a nova economia psíquica dos laços, caracterizada como “ligações frouxas e compromissos revogáveis”. Nisso, as relações interpessoais são fontes perenes de ambivalência e ansiedade: ao mesmo tempo em que, como seres humanos, carecemos do amor, do cuidado e da proteção do outro, essa mesma entrega de si ao outro pode implicar abandono e decepção. Como saber quem será o agente da decepção?

Obviamente que essa incessante “reciclagem identitária” e a vultosa quantidade de sofrimento nas relações interpessoais vêm acompanhadas por toda uma parafernália de “ferramentas patenteadas e prontas para uso”, disponibilizadas pelo mercado: das drogas da felicidade às dietas e demais formas de gratificação intermináveis. O que não entra nessa máquina de reciclagem veloz rapidamente é descartado na lata de lixo; lixo não só material, mas também lixo humano: identidades poluídas, consumidores falhos, incapazes de praticar a *fitness* e estar *in*. E pior:

a distância que separa o pólo consumidor do pólo do lixo encurta-se mais e mais.

Os indivíduos na vida líquida defrontam-se com a seguinte aporia: o direito de ser um indivíduo livre, isto é, consumidor, e a obrigação de cumprir esse mandato. Como a possibilidade de realização torna-se cada vez mais inacessível, mesmo que seja apresentada como à mão, as subjetividades padecem desse modo de incessante re- e de- composição de si mesmas. Ao mesmo tempo, não conseguem sair desse ciclo. As respostas ao mal-estar enfrentado não podem mais se beneficiar de saídas coletivas para esses problemas individuais. O declínio das utopias, o apagamento das luzes que caracterizavam o poder da esfera pública de atrair e mediar os conflitos dos indivíduos, servindo-lhes de “estufa calorosa” (expressão de Durkheim), ou de pacificação, codificação e de estilização dos conflitos e pulsões (segundo as idéias de Elias), resta aos indivíduos o “zelo autoreformista” e a busca desesperada de “abrigo coletivos para os narcisismos individuais” (p. 176). Frente à promessa ambígua da modernidade, tão bem abordada por Simmel (2006) – igualdade X singularidade, em Bauman segurança X liberdade – a sociedade líquido-moderna fez crer que a aposta no segundo termo desses pares traria a felicidade. A hipertrofia da exigência de liberdade e da singularidade em detrimento da igualdade e da segurança mostrou-se ilusória, assim como o inverso historicamente revelou-se igualmente nefasto. O restabelecimento de uma agenda de emancipação e de construção de uma sociedade autônoma e democrática, segundo Bauman, só seria possível mediante “um equilíbrio aceitável” entre esses termos. Sua interpretação sociológica vê nesse “equilíbrio aceitável” a aposta numa reinvenção de nossa imaginação política e na reconstrução da esfera pública e da cidadania.

O capítulo 1, “O indivíduo sitiado”, aborda as “tribulações do eu” contemporâneo (GIDDENS, 2002b) e o já mencionado paradoxo de liberdade e obrigação de ser um indivíduo: a liberdade torna-se “um imperativo universal” (p. 26). Bauman demonstra como essa tarefa é autocontraditória, autofrustrante e impossível de realizar (p. 29), uma vez que “a individualidade é o produto final de uma transformação societária disfarçada de descoberta pessoal” (p. 31). Contra a predominante concepção neo-liberal de

individualidade (a idéia do *self-made man* e do *homo eligens*, o homem que escolhe), Bauman analisa os embaraços e contradições do atual cuidado de si, denunciando naquela concepção o encobrimento da discrepância entre individualidade *de jure* e *de facto* (p. 35): individualidade *de facto* implica uma série de privilégios – nas palavras de Bauman, “custa dinheiro, muito dinheiro” (p. 37) – e simultaneamente uma brutal produção de indivíduos excluídos e redundantes. Performatizar essa identidade heterogênea, efêmera, volátil, incoerente, eminentemente mutável (p. 43), montar e desmontar “os quebra-cabeças identitários que vêm apenas sob forma de mercadorias” (p. 49), consumir os “coquetéis identitários” (p. 50), o culto da autonomia individual e da liberdade de autoafirmação, muitas vezes às custas do esvaziamento de nossa imaginação moral, resumem, para Bauman, a política da individualidade líquida e descrevem os contornos, segundo suas palavras, da “ideologia da elite global emergente” (p. 53).

No capítulo 2, “De mártir a herói e de herói a celebridade”, Bauman apresenta duas personagens típicas de nossas sociedades líquido-modernas: a *vítima* e a *celebridade*, de modo que nos faz evocar as figuras típicas da modernidade que Simmel (2001) havia apresentado: o *blasé* e o *cínico*. Os novos idealtipos de individualidade atestam uma transformação na imaginação moral, que consiste na substituição de ideais de longo prazo, implicando ascetismo, renúncia, heroísmo, visão do bem da coletividade pelos valores de gratificação instantânea e de felicidade individual (p. 63). Essas figuras estariam, de modo pontual, efêmero, mas estridente, no foco da percepção pública: qualquer pessoa que sofra, ao menos potencialmente, é uma vítima, uma vez que sofrer faz parte de um ideário ultrapassado, no qual fazia sentido, por exemplo, a figura do herói. A celebridade, por sua vez, também não é um herói: o culto de massas que induz é um jogo que permite n combinações, com mudança constante e sem fidelidade em relação a quem está no foco. Se esse culto induz algum tipo de laço, diferentemente do herói, do mártir, que estabeleciam *comunidades imaginadas*, este seria o das *comunidades imaginárias*, nas quais tudo aparece frouxamente unido, de forma frágil, volátil e efêmera (p. 68).

O capítulo 3, “Cultura: rebelde e ingovernável”,

aborda sociologicamente o conceito de cultura e o estatuto da produção cultural. Evocando suas raízes etimológicas, destacando as acepções de “cultivo”, “lavoura”, “criação”, todos implicando aperfeiçoamento, e, portanto, técnicas de gerenciamento – os administradores como “agricultores de pessoas” (p. 72) – a cultura evolui, desse sentido de heteronomia, para uma complexa localização frente às estruturas sociais, implicando, da parte dos gerenciados, resistência e autotranscendência, numa tensa negociação entre gerentes e criadores. Seria a cultura um mecanismo de homeostase social? (p. 77). Ou seria ela rebelde, o impulso à criação associado à destruição dos cânones? A narrativa moderna da cultura parece ter se articulado em meio a essa tensão ambivalente: “A cultura representa as reivindicações do particular contra a pressão homogeneizante do geral, e envolve um impulso irrevogavelmente crítico em relação ao *status quo* e todas as suas instituições” (p. 73). Já a cultura nas condições de vida líquido-moderna despotencializa essa tensão, drenando-a em proveito de uma progressiva subordinação da criatividade cultural aos critérios do mercado de consumo (p. 80), e desatrelando características que a modernidade associou aos produtos culturais: a durabilidade, a eternidade, a singularidade, a aura. Nesse sentido é que Bauman aponta uma galopante estetização da vida líquida, sem obras de arte (p. 84). Aliás, essa passa a ser uma questão: como decidir o que é uma obra de arte? E a partir dos trabalhos de Jacques Villeglé, Herman Braun-Vega e de Manolo Valdés, descreve traços definidores da estética líquido-moderna, bastante distante da concepção de obra de arte que conhecíamos, marcada pelo sublime, pela aura, “objetos preciosos e raros”, e que “viviam para a eternidade”, e eram “capazes de desencadear uma experiência singular, sublime e refinada em ocasiões e lugares únicos, e de fazê-lo por longas, talvez infinitas, extensões de tempo” (p. 89). Teríamos, nessa nova configuração social, a desistência da busca da perfeição, a instantaneidade e, no limite, a ausência de critério (que não seja o mercado) entre o que é ou não artístico.

No capítulo 4, “Procurando refúgio na Caixa de Pandora – ou medo, segurança e a cidade”, temos uma excelente caracterização do atual cosmopolitismo. Se a cidade sempre foi um tema bastante caro à sociologia,

Bauman tenta descrever o que seria a cidade num cenário líquido-moderno, enfatizando as revoluções que atingiram o espaço urbano, caracterizado, historicamente, como lugar onde as pessoas se encontram, no qual as ferramentas da sociabilidade são utilizadas, local de promessa de segurança contra os perigos, de tolerância em relação à diversidade humana, de exercício de convivência plural e horizonte da democracia e diálogo. O cenário que Bauman esboça mostra o quanto a vida urbana se transformou: de fonte de segurança, espontaneidade, flexibilidade, capacidade de surpreender e as ofertas de aventura (p. 99) a fonte de riscos, de medos, de intimidação, de insegurança, de evitação dos estranhos. Seria uma nova forma de dificuldade de “amar o próximo”, segundo a fórmula de Freud em *O mal-estar na cultura*. A criação de comunidades fechadas, a guetização, a esquiva frente à exposição à diferença (p. 103), e no limite, a mixofobia, atestam o atual cenário das grandes metrópoles globalizadas e são sinais do esvaziamento do espaço público, espaço no qual as habilidades de sociabilidade e de criação das condições para uma coabitação feliz poderiam se exercer.

No capítulo 5, “Os consumidores na sociedade líquido-moderna”, temos um retorno à temática do indivíduo, desta vez focalizando aquilo que Bauman chama de “síndrome consumista” (p. 109-110). O autor mostra como a vida de consumo permeia a nova economia psíquica dos indivíduos e afeta decisivamente os laços amorosos, familiares, profissionais e de amizade. Essa nova economia sociopsíquica permite compreender enquanto “doenças iatrogênicas” aquelas patologias que vários analistas caracterizam como “doenças da contemporaneidade”, “novas doenças da alma”, “produção de sintomas borderlines”, “doenças da dificuldade de viver”, tais como: síndrome do pânico, stress, depressão, transtornos do humor, anorexia e bulimia, etc. Teríamos, assim, a caracterização das relações humanas como fonte inexorável de ambivalência e ansiedade (p. 141).

De par com a deterioração das antigas instituições de formação da identidade – a família, a escola, a igreja, etc. (p. 150) –, há uma progressiva marketização dos processos de vida (p. 116), que fornece as fichas simbólicas de monitoramento da identidade e das relações com os outros. No que concerne às prá-

ticas de cuidado consigo, Bauman destaca a relação com o corpo, que se torna cada vez mais vulnerável às injunções de intervenção suscitadas pelo mercado, implicando um acréscimo de ansiedade e descontrole do indivíduo nessa relação. O corpo assume valor autotélico, isto é, passa a ser um fim em si mesmo, e é nele que o indivíduo deve “produzir os prazeres que ele poderá ser capaz de usufruir” (p. 123). Essa passa a ser a atual normatividade das práticas corporais: o ideal da *fitness*, da boa forma, que vem substituir o valor-saúde, tão caro à anterior sociedade dos produtores. Ideal de boa forma, diga-se de passagem, impossível de alcançar, pois “seu corpo pode estar em excelente forma, não importa – *sempre será possível melhorar*” (p. 123). Não é difícil deduzir que essa busca incessante pela boa forma rapidamente se transforma em compulsão e daí em vício (p. 123), constituindo grandes sofrimentos psicológicos para o indivíduo (pavor à gordura, etc).

Além da relação consigo, a vida de consumo penetra todos os meandros de nossas relações interpessoais. Bauman destaca, ainda neste capítulo, a relação dos pais com os filhos, a relação com os amigos, as novas experiências de maternidade (Bauman explora o que denomina o atual “enfado da maternidade” (p. 135), como reação das mulheres contrária à maternidade) e de rejeição da infância (p. 141), implicando novas negociações nas relações intergeracionais; a dissolução da experiência do “apaixonar-se”, do “amar”, que passam a ser traduzidos como eventos de química cerebral, envolvendo apenas a liberação de “coquetéis químicos” por tempo determinado, e que nos desobrigam de todos os pesados compromissos envolvidos no que se entendia como “relacionar-se” (p. 137), as viscosidades do vínculo humano (p. 140), com suas inevitáveis ambivalências e ansiedades.

No capítulo 6, “Aprendendo a andar sobre a areia movediça”, Bauman faz uma perspicaz reflexão sobre educação e o advento da sociedade do conhecimento (p. 158), com seus riscos de exclusão social. O que seria a educação numa vida líquida? Se é típico da liquidez a metamorfose contínua de saberes, práticas e modos de subjetivação, o que seria aprender? O que seria o conhecimento, que inexoravelmente se tornaria obsoleto em curtíssimo prazo? Bauman, com essa interpelação, pretende confrontar as atuais propostas

de “educação continuada” (voltadas para a inserção no mercado de trabalho, e desprovidas de qualquer preocupação com a reativação da vida em comum, de vivê-la melhor) com o sentido da formação cívica do indivíduo, que os gregos chamavam de *paidéia*. Alertando-nos que o conhecimento pode servir para aumentar as desigualdades de oportunidades, e, portanto, servir aos propósitos de exclusão sócio-econômica da maioria da população, na luta contra a precarização (termo que Bauman vai buscar em Bourdieu) das condições de vida, Bauman indica-nos que numa sociedade mais justa e autônoma a educação deve servir como instrumento de reconstrução do espaço público. Se educação é “capacitamento”, deve sê-lo em relação àquilo que mais importa: na restauração da “habilidade de que mais necessitamos para oferecer à esfera pública alguma chance de ressuscitação”, isto é, “a da interação com os outros” (p. 163).

No último capítulo, “O pensamento em tempos sombrios (Arendt e Adorno revisitados)”, retomando de Hannah Arendt o mote do poema de Brecht sobre “a vida em tempos sombrios”, analisa a perda do poder de iluminação da esfera pública sobre a vida dos indivíduos (p. 168). Como, sem o amparo dessas luzes, os indivíduos podem buscar e conseguir a felicidade, que se converteu de uma tarefa coletiva em “uma tarefa totalmente privada”? (p. 172). Frente à apatia e ao “conformismo generalizado” (segundo expressão de Castoriadis), Bauman, neste capítulo que encerra seu livro, nos faz uma incitação à nossa “imaginação política”. Que tipos de comunidade seríamos capazes de engendrar que ampliem as perspectivas de emancipação humana, e que não se resumam a “abrigos coletivos para os narcisismos individuais”? (p. 176). Aí seria vital e urgente a mensagem da sociologia como crítica social, como resistência à mercantilização de nossas formas de vida (p. 183). Contra o niilismo, em reação criativa à “baixa” da utopia pública e social” (p. 196), Bauman aposta na necessidade de restabelecer um pensamento crítico (p. 194) e a agenda da emancipação, hoje, rumo a um equilíbrio aceitável entre liberdade e insegurança (p. 195). Contra a deterioração da esfera pública, aposta no restabelecimento da *ágora*, pois ninguém mais, hoje, pode presumir ser possível “procurar e encontrar um refúgio privado para tormentas que podem originar-se em qualquer

parte do globo” (p. 197). Essa, talvez, seja a “mensagem na garrafa” da sociologia que marulha nas águas do futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTIDE, Roger (s/d). A propósito da poesia como método sociológico. In: *Sociologia*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática.
- BAUMAN, Zygmunt. (2007). “Memória: Jean Baudrillard”. Entrevista a Marcos Flamínio Peres. *Folha de São Paulo*, 11 de março.
- ____ (2003). “A sociedade líquida”. Entrevista concedida a Maria Lúcia G. Pallares-Burke. *Folha de São Paulo*, 19 de outubro de 2003.
- ____ (2001). Escrever, escrever sociologia. In: *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BOTTOMORE, Tom B. (1976). *A sociologia como crítica social*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BOURDIEU, Pierre (2004). *Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia*. Petrópolis: Vozes.
- ____ (1989). *O poder simbólico*. Lisboa: Difel.
- CARDOSO, Irene (2001). *Para uma crítica do presente*. São Paulo: Editora 34.
- CASTORIADIS, Cornelius (1992). A época do conformismo generalizado. In: *As encruzilhadas do labirinto/3: O mundo fragmentado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FOUCAULT, Michel (1994). *Dits et écrits (1954-1988)*, tome IV. Paris: Gallimard.
- ____ (1988). *História da sexualidade, 2: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal.
- ____ (1984). O que é o Iluminismo. In: *O dossier: últimas entrevistas*. Rio de Janeiro: Taurus.
- GIDDENS, Anthony. (2002a). *Mundo em descontrole*. Rio de Janeiro: Record.
- ____ (2002b). *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- HORKHEIMER, Max. (1966). La filosofia como crítica de la cultura. In: ____ ; ADORNO, Theodor, *Sociologica*, II. Madrid: Taurus.
- MELUCCI, Alberto (2005). *Por uma sociologia reflexiva*. Petrópolis: Vozes.
- MILLS, C. Wright (1982). *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.
- PAIVA, A. Cristian S. (2006). “Uma sociologia do refugio humano: crítica e clínica”. *SBS Caderno de Resenhas*. Sociedade Brasileira de Sociologia, n. 1, ano I, outubro.
- PIERUCCI, Antonio Flávio (2006). “Religião como solvente: uma aula”. *Novos Estudos*, CEBRAP, n. 75, julho.
- SIMMEL, Georg (2006). *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ____ (2001). A metrópole e a vida do espírito. In: FORTUNA, Carlos. (org.). *Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia*. Oeiras: Celta.
- ____ (1986). *El individuo y la libertad: ensayos de crítica de la cultura*. Barcelona: Península.
- TOURAINÉ, Alain (1976). *Em defesa da sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- WAIZBORT, Leopoldo (2000). *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Editora 34.
- ZYGOURIS, Radmila (2002). *O vínculo inédito*. São Paulo: Escuta.